



*Entrevista ao Presidente da junta de freguesia da sé  
concelho do funchal — MADEIRA*

*Luís Miguel Moura de Sousa*

**J.A.- Tendo havido alteração nos resultados eleitorais autárquicos de 2017, o que pensa sobre isso?**

**Presidente da Junta (P.J.)** – Na Freguesia da Sé. não houve alterações e manteve-se inclusive a equipa do executivo.

**J.A.-Qual a sua Opinião sobre o OE para 2018?**

**P.J** - O OE para 2018 não resolve a situação financeira do país nem, em concreto da Madeira. É impossível concordar com um OE que não contempla o financiamento do novo hospital, as consignações tributárias, a redução imediata da taxa de juro do empréstimo do PAEF-RAM, e, ainda o apoio aos emigrantes da Venezuela. Propostas que foram apresentadas pelo PSD e chumbadas pelo PS, BE e PCP. O que está aqui em causa não são partidos e ideologias, o que está aqui em causa é o que é melhor para o nosso povo. Ao sermos eleitos, o povo espera ver os seus interesses defendidos da melhor forma na Casa da Democracia. Não é isso que acontece com este OE para 2018. Os frutos deste OE serão sentidos em pouco tempo, na situação do País.

**J.A.- Em relação ao relatório sobre os incêndios de Pedrógão Grande, qual a sua opinião?**

**P.J.** – Não há dúvidas que o Estado falhou, e como tal, deverá assumir as suas responsabilidades. A Comissão Técnica Independente sobre os incêndios concluiu terem existido falhas no comando do combate ao fogo e que faltaram medidas que poderiam ter moderado os seus efeitos. No dia 17 de junho em Pedrógão Grande, houve uma fuga para a morte, por simples falta de planeamento.

Espero que o Estado proceda ao pagamento imediato das indemnizações às vítimas e familiares dos incêndios pois embora o dinheiro não pague as vidas que se perderam, é o mínimo que se pode fazer.

**J.A.-O aumento de desemprego gerou muita pobreza e, estando esse concelho inserido num dos distritos considerados de maior carência económica, como está essa autarquia a gerir esse problema?**

**P.J.** - A Junta de Freguesia da Sé entrega mensalmente cabazes alimentares às famílias carenciadas da freguesia, apoia na aquisição de manuais e materiais escolares aos filhos dessas famílias e apoia na recuperação de habitações degradadas.

Acudimos também vários agregados familiares carenciados, que pontualmente têm alguma dificuldade financeira, como por exemplo na aquisição de uma cadeira de rodas, aquisição de óculos graduados, etc.

Em parceria com a PSP foram dadas diversas formações em questões de segurança e proteção.

Apoiamos também várias instituições que desenvolvem trabalhos na área social, como é o caso da Associação Protetora dos Pobres.

Temos marcado a diferença pela proximidade às pessoas, mas respeitando sempre a sua privacidade e dignidade, até porque há muita “pobreza envergonhada” que embora passando por carências tem vergonha de pedir ajuda. A nossa estratégia de aproximação tem permitido um contacto mais pessoal com a realidade de cada família da nossa freguesia.

**J.A-O que pensa sobre a violência doméstica, que ultimamente tem aumentado drasticamente, no nosso país, e qual a causa/efeito?**

**P.J.** - Portugal não é o único país no qual a cultura adquirida desculpabiliza a violência doméstica. E não posso concordar que seja algo que está a aumentar drasticamente. É algo que sempre houve, mas a “vergonha” e a cultura do país escondiam estes crimes hediondos por trás do tão conhecido provérbio “entre marido e mulher não se mete a colher”.

Cidadania, respeito, honra e empatia, são palavras que poderão fazer toda a diferença. A mudança começa nas nossas casas. Estes crimes não poderão ficar arquivados na pasta do “esquecimento”.

Prolifera agora também um novo tipo de violência doméstica, a violência doméstica dos filhos em relação aos pais. E sim, isso assusta-me, porque *«respeitar a pessoa idosa é tratar o próprio futuro com respeito»*.

A violência doméstica é um crime bárbaro, hediondo, que tem que ser combatido e sem uma mobilização séria de toda a sociedade não chegaremos nunca a atenuar esta realidade, muito menos a erradicá-la.

**J.A-O que pensa sobre a violência gratuita que se está a gerar na nossa sociedade?**

**P.J.** – Não considero que o consumo de álcool, cigarro ou drogas ilícitas ou até mesmo o desemprego sejam justificação para a violência gratuita que se vai gerando na sociedade, não só

na portuguesa, mas na sociedade em geral. Infelizmente as pessoas estão cada vez mais individualistas, egocêntricas e insatisfeitas consigo próprias. Pensam primeiro em si, havendo um desprezo e indiferença pelos outros, e descarregando nos outros as suas frustrações. O respeito, os valores e a honra têm que se consolidar definitivamente na nossa sociedade, e uma vez mais isso começa nas nossas casas.

**J.A-O que pensa sobre a violência gratuita que se está a gerar na nossa sociedade, entre a juventude?**

**P.J.** – Os jovens precisam de modelos a seguir. Precisam de bons exemplos. Os pais passam muito tempo nas suas atividades profissionais e sociais, estando ausentes na educação e cultura de valores e princípios dos seus filhos. Sem uma cultura de valores dos pais para os filhos, como poderemos querer que haja uma humanização na sociedade?!

**J.A.-Que apoio presta a autarquia aos mais idosos?**

**P.J.** - A Junta de Freguesia da Sé distingue-se pela sua política de proximidade.

Para além do apoio alimentar com a atribuição dos cabazes alimentares, uma vez que muitas das nossas famílias carenciadas são constituídas por idosos, temos uma política de apoio ao envelhecimento ativo com atividades mensais, desde passeios, convívios, almoços, eventos culturais e desportivos, ações de sensibilização e prevenção nas áreas da saúde e segurança.

Prestamos também apoio domiciliário e apoio em equipamentos e acessórios na área da saúde, com vista a melhorar o seu bem-estar.

**J.A.-Qual o maior problema com que essa freguesia se debate?**

**P.J.** - Um dos grandes problemas com os quais a nossa freguesia se debate é o despovoamento, a desertificação do centro da cidade, que tem sido abandonado pela classe média nas últimas décadas, em particular pelos jovens que procuram primeira habitação, devido aos elevados preços praticados pelo mercado livre.

**J.A.-Que outros problemas necessitam de maior intervenção?**

**P.J.** - Um outro problema é a “pobreza envergonhada” na sequência do desemprego, do endividamento das famílias e do empobrecimento associado às circunstâncias da crise económica. Este é um problema que é um autêntico fenómeno sociológico. Há pessoas que integram agregados familiares que se encontram em condições precárias e que tentam ocultar, por vergonha, a sua situação. Nestes casos, a Junta tem ido ao encontro das pessoas, porque vemos os nossos municípios como membros da nossa família.

**J.A.-Que perspetivas tem para o futuro da freguesia?**

**P.J.** – As nossas perspetivas para o futuro da freguesia é tornar aliciante e exequível residir na Sé, voltar a sentir o pulsar da dinâmica do comércio no centro da cidade, ter uma freguesia limpa, acessível a todos, florida, um autêntico cartaz de visita para aqueles que nos visitam e qualidade para aqueles que aqui residem.

**J.A.-Como é a situação financeira da autarquia?**

**P.J.** – A nossa freguesia tem uma situação financeira estável e equilibrada, com as contas consolidadas.

**J.A.-Qual o apoio que a câmara presta às juntas de freguesia?**

**P.J.** – A Câmara Municipal do Funchal, no âmbito de acordos de execução e contratos interadministrativos de delegação de competências, transfere verbas para as Juntas de Freguesia que são empregues designadamente, no apoio social e na conservação e manutenção de canteiros, jardins e parques.

**J.A.-Que mensagem quer enviar à população da sua freguesia?**

**P.J.** – Antes de mais quero agradecer à população da minha freguesia a confiança que me foi depositada com a eleição para este 2.º mandato. Quero que saibam que podem contar sempre comigo, e que acredito que juntos podemos fazer mais e melhor. Este é o meu compromisso em prol de uma freguesia mais valorizada e qualificada, porque é aqui que bate o coração da cidade do Funchal.

**J.A.-Como consegue gerir a absorvente vida de autarca com a vida familiar?**

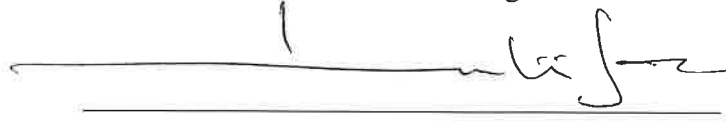
**P.J.** – A gestão da vida de autarca com a vida familiar tem tido por base o empenhamento, a colaboração, a comunicação e a compreensão. Porque o que faço é para o presente, com o olhar no futuro. O exemplo que dou aos meus filhos, de abnegação em prol do interesse público é a maior herança que lhes posso deixar.

**J.A.-Que mensagem quer deixar ao Jornal das Autarquias?**

**P.J.** – Desejo ao Jornal das Autarquias muitas felicidades e sucesso na partilha de experiências entre as autarquias e na divulgação destes paraísos que existem no nosso Portugal.

Funchal, 15 de Dezembro de 2017

O Presidente da Junta de Freguesia da Sé

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line. The signature is cursive and appears to read 'Luís Miguel Moura de Sousa'.

Luís Miguel Moura de Sousa